

# Povos Indigenas no Brasil

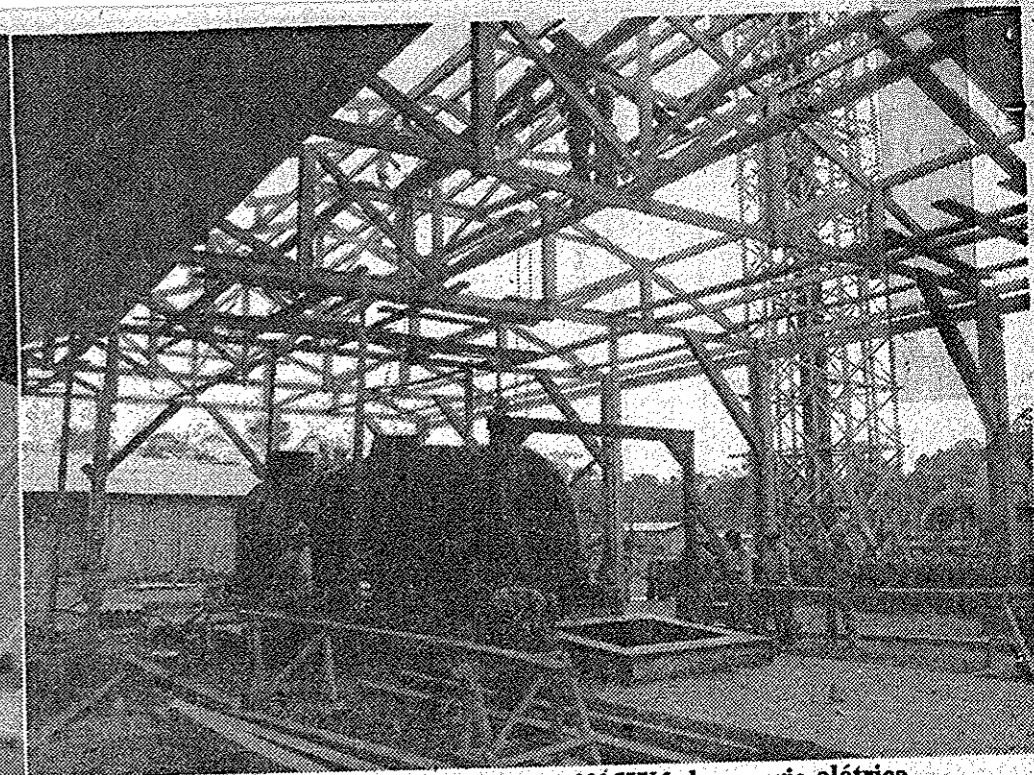
Fonte 10 Estado de S. Paulo Class.: 31  
 Data 30/07/78 Pg.: 34



Em 400 hectares de área, a Indeco desenvolve um projeto de colonização



Ariosto Da Riva, o pioneiro de Alta Floresta



A caldeira, de 33 toneladas, gera 880 KVA de energia elétrica

## Enquanto o mundo debate, a Amazônia muda

**ELLEN B. GELD**  
Especial para 'O Estado'

Qual deveria ser o futuro da Amazônia? Deveria ela ficar como uma grande reserva florestal para o fornecimento — como se diz — de 20% do oxigênio para a sobrevivência de toda a humanidade? Ou deveria ela ser derrubada para produzir alimentos para uma população crescente e cada vez mais faminta? E, se derrubada e assim desprovida da floresta que lhe fornece a fertilidade do solo, não poderia tornar-se um deserto incapaz de produzir? Num mundo que se está encolhendo, enquanto a demanda para recursos naturais cresce a cada dia que se passa, este é o debate em torno desta vasta bacia fluvial que desenrola entre as pessoas de boa fé em todo lugar.

Mas, enquanto o mundo debate, nós, que vivemos ao lado, estamos conscientes de que "a coisa" está acontecendo de fato. A beira das rodovias Belém-Brasília e Cuiabá-Santarém, onde as estradas penetram no interior, o homem está entrando para derrubar o mato num processo tão natural e inevitável quanto o desenvolvimento da Austrália ou do Zaire. Assim, parece-me que a questão não é mais saber se a Amazônia deve ser desenvolvida, mas como.

Na busca de algumas respostas, visitei, ultimamente, a Alta Floresta, núcleo de um projeto de colonização que envolve 400 hectares na região Amazônica, ao Norte de Mato Grosso. Eu queria ver para verificar e, de fato, verifiquei que, como a derrubada da Amazônia, este projeto, com sua cidade e rede de estradas que já fornecem uma infraestrutura, dando acesso a 600 pequenas propriedades agrícolas, é sem dúvida um fato estabelecido.

Para comprar terras do governo do Mato Grosso e estabelecer um projeto de colonização, a Infra-estrutura, Desenvolvimento e Colonização (Indeco) foi formada em 1973 pelo pioneiro de Alta Floresta, Ariosto Da Riva. No entanto,

multo antes de criar a Indeco, este colonizador adquiriu uma experiência e uma fortuna, desenvolvendo comunidades agrícolas em regiões como o Norte do Paraná, Dourados e Navaraí no Sul do Mato Grosso. Um homem alto e dinâmico, com seus 60 anos, Ariosto considera o projeto Indeco a maior realização da sua vida. E, alguns dias antes da nossa viagem para Mato Grosso, sentado no seu escritório que dá vista para a Igreja da Consolação em São Paulo, Ariosto me explicou as razões por que se sente assim.

Falou que, enquanto quase toda a Bacia Amazônica poderia ser adaptada para a pecuária, somente 5% desta vastidão são constituídos de terras nobres realmente aproveitáveis para a agricultura. No entanto, enquanto a pecuária pode trazer riquezas para um país, ela não cria riquezas nas regiões em que exista. "Para isto", disse ele, "é necessário que haja populações produzindo e consumindo no próprio local". Para a Amazônia se tornar uma região próspera, Ariosto acredita que as suas manchas de terras nobres teriam de ser desenvolvidas para a agricultura em volta dos centros agroindustriais. Desse modo, estas terras poderiam manter-se relativamente auto-suficientes e, ao mesmo tempo, comerciar com o País e o resto do mundo.

Mas, para que isto aconteça, precisaria ser estabelecida uma infra-estrutura básica da qual essas pessoas, tentando viver e produzir em tais regiões tão remotas, pudessem sobreviver. A construção de tal infra-estrutura é uma obra extremamente complexa que, no pensamento de Ariosto, "somente a iniciativa privada, com seu dinamismo e criatividade, tem a capacidade de realizar". Para ele, Alta Floresta é um exemplo vivo desta concepção da capacidade e da necessidade de participação da iniciativa privada no desenvolvimento racional da Amazônia.

Para um homem que conhece o Estado do Mato Gros-

so palmo a palmo, a região de Aripuanã, atravessada pela estrada Cuiabá-Santarém, foi escolhida por várias razões. Adquirida junto à Companhia do Desenvolvimento do Estado do Mato Grosso, seus títulos estão em dia, algo que vale ouro num lugar tão disputado. A 210 quilômetros da rodovia Cuiabá-Santarém, Alta Floresta tem acesso a dois mercados através de Santarém e, com o acesso ao mar, pode partir para a exportação. Mas, nenhum destes fatos teria valor para uma colonização agrícola se as terras, numa mancha do tamanho do Norte do Paraná, não contivessem áreas nobres.

Ariosto Da Riva assistiu aos fracassos das colonizações em lugares como Porto Gaúcho, em Mato Grosso, por causa de terras fracas. É também conhecedor do caos em Rondônia, onde não existem estradas para o transporte de equipamentos e da produção agrícola. Por isto, no início do seu projeto, Ariosto decidiu que não faltariam estradas em Alta Floresta. E, de fato, depois de voar duas horas sobre a floresta, da Barra do Garça até o Rio Pires Telles, a primeira indicação do projeto que se vê são estas estradas.

No quilômetro 642 da Cuiabá-Santarém, a Indeco construiu em 1973 uma estrada com 210 quilômetros de terra e pedra britada, ligando a rodovia com a Alta Floresta. Desde então, construíram-se mais de 350 quilômetros de estradas para ligar a Alta Floresta com as propriedades, atualmente em franco desenvolvimento. O custo destas estradas é de Cr\$ 200 milhões para a companhia, consideradas por Ariosto como primordiais à implantação de qualquer colonização agrícola.

Mais tarde, sobrevoando a cidade em crescimento e depois caminhando por suas ruas, aprendemos mais sobre a concepção de Ariosto Da Riva das necessidades de uma infra-estrutura. Entre elas, as primeiras construções a serem erguidas foram as seguintes: uma serraria, uma usina

de britagem, uma oficina industrial e uma marcenaria.

Sob um grande barracão situado na zona industrial da cidade, uma imensa caldeira de 33 toneladas assemelha-se a uma peça de museu, até que um silvo estremeceador, saído de uma válvula de escape, nos desperta para esse monstro devorador de madeira, que foi arrastado através da floresta e transportado no rio para gerar 880 kva de energia elétrica à cidade.

Foram construídos escritórios e 54 casas para os funcionários da Indeco, bem como um hospital de 40 leitos com sala de operação, incubadeira, rai-X — operado por enfermeiras e por dois médicos. Esse estabelecimento se encontrava, praticamente, em funcionamento desde o princípio.

Dos mais impressionantes de todos esses componentes é, para mim, o sistema escolar, com seu ginásio composto de 12 salas e uma rede rural, implantada em intervalos de 8 quilômetros ao longo das estradas, que atualmente serve a 1.200 crianças.

Para Ariosto, que teve somente quatro anos de instrução primária, uma das maiores preocupações tem sido que nenhuma criança em Alta Floresta fique sem escolaridade adequada. E, como consequência, em relação aos sistemas que eu conheço, creio que, sob a incansável e imaginosa direção do professor Benjamin Pádua, a Alta Floresta tem provavelmente o mais adequado sistema escolar rural até hoje visto no Brasil.

Esta é a infra-estrutura inicial que a Indeco, com um custo superior a Cr\$ 250 milhões, tem oferecido à sua crescente população. Assim que cada entidade começou a pagar suas despesas, os serviços de infra-estrutura passaram a ser operados por trabalhadores autônomos. Dessa forma, todas as construções iniciais, com exceção da escola (que um dia será pública), já estão em outras mãos. E o processo continua.

A partir da vinda de novos imigrantes, com o intuito de estabelecer casas de comércio, lotes são vendidos a preços simbólicos. Numa cidade com uma população urbana de 3 mil pessoas e rural de 12 mil, a tarefa de planejamento urbano torna-se, a cada dia que passa, um pesadelo maior para o engenheiro civil, Vicente Da Riva, filho de Ariosto. Mas um pesadelo saído do sentido de que as necessidades da população estão sendo atendidas na medida em que ela cresce.

Alta Floresta não poderia sobreviver sem estes estabelecimentos e o sucesso dela dependerá também da produtividade dos sítios que se estão desenvolvendo. E, se o trabalho de construir estradas e uma cidade na selva, onde não existia nada, foi uma obra de proporções hercúleas, o estabelecimento de uma agricultura viável não tem sido menos árduo.

Os planos iniciais desta área foram baseados em três idéias principais: estabelecer uma agricultura capaz de sustentar um lavrador e sua família, numa propriedade de 100 a 300 ha.; escolher culturas processáveis pelas agroindústrias de Alta Floresta e transportáveis, economicamente, a 1.280 quilômetros, para Cuiabá, ou a 780 quilômetros, até Santarém, para exportação; preservar o clima. O plantio de culturas anuais, que exigem uma derrubada total, a exposição da terra às chuvas torrenciais e o sol intenso dos trópicos podem destruir em pouco tempo o equilíbrio orgânico do solo que sustenta e é sustentado pela floresta.

A plantação de culturas permanentes que requer somente uma derrubada parcial, sem o uso de máquinas pesadas, causam consideravelmente menos distúrbios à estrutura delicada do solo. Por isto, de acordo com as razões já citadas, o cacau, café e guaraná (todas culturas permanentes), foram escolhidas para as plantações em potenciais do projeto.

Mas, antes destas culturas, que podiam ser recomendadas para o futuro dono de um sítio, foram feitas pesquisas na região para provar a sua viabilidade. Ao mesmo tempo em que foi construída a estrada para Alta Floresta, campos de pouso e depósitos de materiais foram criados próximos à estrada. Nestes locais foram instalados os campos experimentais.

Os resultados foram tão excelentes que a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Cepilac) chegou a duvidar das possibilidades do cacau na Amazônia. Depois, criaram a primeira Estação Experimental na região, em março, numa área de 500 hectares, doados para este fim pela Indeco.

No entanto, antes disso, na safra agrícola de 1967/77, Alta Floresta já havia plantado 7 milhões de covas de café e 600 mil pés de cacau, além de 100 mil pés de guaraná. Destas plantações, a Fazenda Caiabi (da própria Indeco) foi responsável por 700 mil covas de café e 400 mil pés de cacau, enquanto o restante tem sido plantado em 273 lotes, já preparados, das 600 propriedades compradas pelos pequenos lavradores.

Estes números mudam todos os dias, com a chegada de gente nova. Porque eles vêm para este lugar tão distante? Andando nas plantações de um Benedito de Souza, por exemplo, que tinha perdido seu café na geada de 1975 no Paraná?

"Quando vim com minha família — recordou — a minha mulher chorou e perguntou por que eu trouxe todo mundo para o mato. Porque, disse a ela, aqui posso trocar 80 hectares a Cr\$ 300,00 no Paraná por 200 hectares de massapé vermelho, terra boa aqui, a Cr\$ 1,2 mil o hectare, com 50% de entrada e dois anos para pagar sem juros ou correção monetária. E aqui não tem perigo de geada". Evidentemente, sua mulher convenceu-se porque toda a família uniu-se com o marido para trabalhar nas novas terras.